

**ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO**

**O CARÁTER ESTRUTURAL DO INCONSCIENTE SEGUNDO LACAN**

**Maria Teresa Saldanha**

Mestranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida

**Rio de Janeiro**

**2015**

## RESUMO

O objetivo do presente artigo consiste em explicar o que é o inconsciente humano segundo Jacques Lacan. A temática terá como eixo a Linguística Estrutural de Saussure, pois foi esta a principal base a partir da qual Lacan propôs um retorno a Freud, resgatando o fundamento original da psicanálise - qual seja, a cura através da fala. Para isso, discorreremos brevemente sobre o movimento estruturalista, que teve início do século XX e atingiu seu apogeu na segunda metade da década de 1960. Fixaremos nosso estudo na Linguística Estrutural de Saussure, discorrendo sobre sua visão dicotômica da linguagem, onde diferenciaremos os seguintes termos: língua e fala; significado e significante; relações sintagmáticas e relações paradigmáticas; e, por fim, sincronia e diacronia. Após, faremos um exame da Teoria da Significação de Lacan a partir do algoritmo S/s, explicando o conteúdo do seu aforismo clássico: "O inconsciente é estruturado como uma linguagem".

**Palavras-chave:** Lacan, Inconsciente, Estruturalismo, Linguística.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to explain the human unconscious according to Jacques Lacan. The thematic axis will be the structural linguistics of Saussure, as this was the main base from which Lacan proposed a return to Freud, recovering the original foundation of psychoanalysis – that is, healing through speech. For this, we will discuss briefly about the structuralist movement, which began on twentieth century and reached its apogee in the second half of the 1960's. We will set our study in Linguistics Estrutural de Saussure, talking about their dichotomous view of language, where we will distinguish the following terms: language and speech; significant and meaning; syntagmatic relations and paradigmatic relations; and, finally, synchrony and diachronically. After, we will do an examination of Lacan's Theory of Meaning from S/s algorithm, explaining the contents of his classic aphorism: "The unconscious is structured like a language."

**Key-words:** Lacan, Unconscious, Structuralism, Linguistics.

## 1 INTRODUÇÃO

O neurologista austríaco Sigmund Freud, no final no século XIX, com a finalidade de tratar neuroses e histerias, inaugurou a Psicanálise como uma ciência caracterizada essencialmente pelo tratamento do paciente através da fala. Por meio dessa metodologia, caberia ao analista interpretar o discurso do paciente de modo a investigar seus conteúdos inconscientes e trazê-los à consciência. A teoria psicanalítica criada por Freud utilizava, portanto, o discurso como via de acesso ao inconsciente do paciente pelo analista.

Em meados do século XX, o psicanalista francês Jacques-Marie Émile Lacan passou a defender que os psicanalistas pós-freudianos haviam desvirtuado a metodologia teórica e prática fundada por Freud. Em seu relatório do Congresso de Roma, realizado em setembro de 1953 e intitulado “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, Lacan (Lacan, 1953/1998) chegou a afirmar que percebia, ao longo dos anos decorridos, “essa aversão do interesse pelas funções da fala e pelo campo da linguagem”.<sup>1</sup>

Esta crítica de Lacan dirigia-se principalmente às psicoterapias de base analítica, em especial a chamada “Ego Psychology” (Psicologia do Ego), corrente criada em 1920 com base no trabalho de Anna Freud. Essa vertente de pensamento rejeitava a ideia de inconsciente freudiana - que constituía o fundamento básico da psicanálise -, para partir da premissa de haveria um ego consciente e racional. Os teóricos dessa linha consideravam que, através de um suposto fortalecimento do Ego, o indivíduo estaria apto a controlar seus impulsos e lidar com suas frustrações.<sup>2</sup>

Por entender que tais vertentes pós freudianas haviam desvirtuado os propósitos originais da psicanálise, Lacan elaborou sua teoria sobre a proposta básica de um retorno a Freud. Conforme afirmou Lacan, “quer se pretenda agente de cura<sup>3</sup>, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a

---

<sup>1</sup> Cf. LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem. In LACAN, Jacques. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 242. (Original publicado em 1953)

<sup>2</sup> Sobre as críticas de Lacan à “Psicologia do Ego”, remetemos o leitor ao excelente artigo publicado na Revista de Filosofia Aurora: BARATTO, Geselda; AGUIAR, Fernando. A “Psicologia do Ego” e a Psicanálise Freudiana: das diferenças teóricas fundamentais. Rev. Filos., v. 19, n. 25, jul./dez. 2007, p. 307-331. Disponível em: Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd1=1792&dd99=view> Acesso em 13/09/2014, 17:30.

<sup>3</sup> Aqui, cumpre-nos lembrar que, conforme afirma Lacan: “É um fato que há pessoas que se curam. Freud salientou bem que não era necessário que o analista fosse possuído pelo desejo de curar; mas é um fato que há pessoas que se curam, e que se curam de sua neurose ou até mesmo de sua perversão”. (LACAN,

fala do paciente”.<sup>4</sup> Para ele, somente a partir da fala seria possível ao psicanalista analisar o comportamento do paciente para ali encontrar aquilo que ele não diz. A palavra do paciente seria, portanto, o canal por meio do qual o analista poderia decifrar os conteúdos do inconsciente.

Para tanto, Lacan ampliou as bases teóricas da psicanálise, trazendo obras científicas de outras áreas do conhecimento, tais como a linguística de Saussure – e, posteriormente, de Jakobson e Benveniste, e a antropologia estrutural de Lévi-Strauss.

A partir do pensamento estruturalista, o seminário de Lacan – que se desenvolveu durante as décadas de 50, 60 e 70 – consistiu numa verdadeira releitura da obra de Freud. Conforme afirmou Lacan: “A Linguística é aquilo por meio do que a psicanálise poderia se prender à ciência”.<sup>5</sup>

Com base na literatura estruturalista, Lacan afirmou que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”<sup>6</sup>, ou seja, o inconsciente é estruturado a partir das mesmas leis que estruturam a linguagem. Para que possamos compreender o significado dessas frases, cumpre-nos fazer uma breve análise do movimento estruturalista.

## **2 O MOVIMENTO ESTRUTURALISTA**

O estruturalismo trata-se de um movimento intelectual do início do século XX, reunindo pensadores de diversas áreas das ciências humanas.

Este movimento, que atingiu seu apogeu na segunda metade da década de 1960, propunha a construção de modelos explicativos de realidade, denominados “estruturas”. De acordo com Hubert Lepargneus, “uma estrutura é um conjunto de elementos entre os quais existem relações, de forma que toda a modificação de um elemento ou de uma relação acarreta a modificação e outros elementos e relações... A estrutura é a concretização de certas leis que procuram e mantêm certo equilíbrio num conjunto que, na perspectiva em questão, pode ser considerado fechado”.<sup>7</sup>

---

Jacques. Conclusões: Congresso sobre a transmissão. Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Rio de Janeiro, v. 14, 1995, p. 66).

<sup>4</sup> Cf. LACAN, Jacques. Do sujeito enfim em questão. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 248.

<sup>5</sup> Cf. LACAN, Jacques. Seminário 23. El sinthoma. Ediciones Eletrónicas. PSI/INFOBASE, 1976, p. 6-7.

<sup>6</sup> Cf. LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem. In - Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 270.

O pensamento estruturalista teve como fundamentação a linguística de Ferdinand de Saussure e o trabalho dos fonólogos do Círculo de Praga – cujos membros principais, dentre outros, foram Roman Jakobson, Nikolai Troubetzkoy, Sergei Karcevskiy e René Wellek.<sup>8</sup>

Para fazer a releitura Freud, Lacan recorre, em especial, à ciência da Linguística a Ferdinand de Saussure e a Roman Jakobson. No presente artigo, importa examinarmos a linguística de Saussure, que foi o fundador da linguística estrutural.

De acordo com Saussure “a língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos; é um sistema articulado, onde tudo está ligado, onde tudo é solidário e onde cada elemento tira seu valor de sua posição estrutural”.<sup>9</sup>

Conforme destacou Haroldo Ramazini, “o mérito de Saussure consiste em lançar as bases para a compreensão do conceito de estrutura, palavra-chave para o desenvolvimento do pensamento lingüístico e das ciências sociais, a partir da década de 40. A idéia difundiu-se a ponto de constituir o fulcro da tendência conhecida por Estruturalismo”.<sup>10</sup>

Saussure considera que a língua é um sistema de signos cuja significação depende das relações entre eles. A língua, portanto, estrutura-se de forma ordenada para formar um todo significativo. Em sua visão dicotômica da linguagem, Saussure distingue língua e fala, significado e significante, relações sintagmáticas e relações paradigmáticas, sincronia e diacronia.

As distinções apresentadas por esta visão estrutural da linguagem podem ser resumidas da seguinte forma:

## 2.1 Língua e Fala:

---

<sup>7</sup> Cf. Lepargneus, Hubert. Introdução ao Estruturalismo. São Paulo: Editora Cultural, 1970, p. 5.

<sup>8</sup> O Círculo Linguístico de Praga ou "Escola de Praga" foi um grupo de críticos literários e linguistas da cidade de Praga, parte do movimento chamado Formalismo Russo. Seus membros desenvolveram métodos de estudos semióticos e de análise estruturalista entre os anos 1928 e 1939. Apesar do Círculo ter se desfeito após a segunda Grande Guerra, seus membros mantiveram importância fundamental.

<sup>9</sup> Cf. SAUSSURE *apud* LEROY, Maurice. As grandes correntes da linguística moderna. Rio de Janeiro, ao livro técnico, 1971, p. 109.

<sup>10</sup> Cf. RAMAZINI, Haroldo. Introdução à Linguística Moderna. São Paulo ícone, 1990, p.25.

A língua (*langue*) está no campo social, enquanto a fala ou discurso (*parole*) situa-se na esfera do individual. Conforme explica Sassure, a língua é “o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”.<sup>11</sup> A língua constitui portanto “a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”.<sup>12</sup> Conforme destaca Sassurem a língua “não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa ela existe de modo completo”.<sup>13</sup>

## 2.2 Significado e Significante:

O sistema linguístico é um arranjo de signos caracterizado pela união entre dois elementos inseparáveis: i) *conceito*; e ii) *imagem acústica*. Vejamos:

- i) O conceito é o sentido ou idéia, isto é, a representação mental a que está convencionada a palavra. Para Saussure, sentido é sinônimo de significado (plano das idéias).
- ii) A imagem acústica, conforme explica Sassure, “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som” (CLG, p. 80). A imagem acústica é portanto a impressão psíquica que se tem do som da palavra enunciada. Este é o significante (plano da expressão).

Portanto, o signo lingüístico é composto por dois elementos inseparáveis, quais sejam, o *conceito* (significado) e a *imagem acústica* (significante). De acordo com Sassure, tais elementos do signo sofrem uma conexão arbitrária. Nas palavras de Saussure: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”.<sup>14</sup> Trata-se do chamado

---

<sup>11</sup> Cf. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Prefácio de Isaac Nicolau Salum. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 92.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 21.

“princípio da arbitrariedade do signo”. O mestre genebriano afirma que, “justamente porque é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário”.<sup>15</sup> Saussure adverte que a palavra arbitrário “não deve dar a idéia de que o significado dependa da livre escolha do que fala”. O que se quer dizer é que “o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”.<sup>16</sup> Como prova desta arbitrariedade, “temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes”.<sup>17</sup> Ora, em cada língua existe um significante diferente para representar o mesmo conceito comum a todas (ex.: mesa, table, tisch, tavolo etc).

### **2.3 Relações Sintagmáticas e Relações Paradigmáticas:**

Como vimos anteriormente, a língua é “um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas”.<sup>18</sup> Os elementos do signo são o significante (imagem acústica) e o significado (conceito), sendo que a relação entre eles se dá em dois planos: i) sintagmático; e ii) paradigmático. Vejamos:

- i. Saussure considera que, “no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas”.<sup>19</sup> Assim, as relações sintagmáticas ocorrem horizontalmente entre duas ou mais unidades consecutivas, formando o sintagma. Ora, “num sintagma, um termo só adquire o seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos”.<sup>20</sup>

É preciso destacar que “a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 83.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>20</sup> Idem.

frase, frases inteiras)".<sup>21</sup> Ex.: Almofadinha, Reiniciar, espécie animal, tartarugas ninja, vou sair hoje à noite, etc.<sup>22</sup>

- ii. Por outro lado, "fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos". Tais coordenações "não têm por base a extensão; sua rede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chama-las-emos relações associativas".<sup>23</sup> As relações associativas (ou paradigmáticas) ocorrem verticalmente, formando o paradigma. Segundo Saussure, "os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam".<sup>24</sup>

Numa síntese: "a relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual."<sup>25</sup>

## 2.4 Sincronia e Diacronia:

Como afirma Saussure, "foi necessário, primeiro, escolher entre a língua e a fala; agora, estamos na encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia, outro à sincronia".<sup>26</sup>

A sincronia e a diacronia correspondem a dois eixos "todas as ciências deveriam ter interesse em assinalar"<sup>27</sup>, quais sejam: 1º) "O eixo das simultaneidades, concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui"; 2º) "O eixo das sucessões, sobre os quais não se pode considerar mais do que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações."<sup>28</sup>

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 143-144.

<sup>22</sup> Aqui, importa registrar que Saussure observa que "a frase é o tipo por excelência de sintagma. Mas ela pertence à fala e não à língua". (Ibidem, p. 144)

<sup>23</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 115.



Segundo Saussure, “à sincronia pertence a tudo o que se chama *gramática geral*, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incubem à gramática.”<sup>29</sup> Na perspectiva saussuriana, “tudo quanto seja *diacrônico* na língua, não o é senão pela fala. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso”.<sup>30</sup>

Assim, podemos dizer que a sincronia corresponde a um estado estrutural da língua em um dado momento (gramática de uma língua), enquanto a diacronia corresponde à descrição da evolução histórica da língua (fala). Numa palavra: “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; diacrônico tudo que diz respeito às evoluções”<sup>31</sup>

Saussure considerou prioritário o estudo da linguística sincrônica, advertendo que, “enquanto a Linguística sincrônica só admite uma única perspectiva, a dos falantes, e por conseguinte um único método, a Linguística diacrônica supõe, conjuntamente, uma perspectiva prospectiva, que acompanha o curso do tempo, e uma perspectiva retrospectiva, que o remonta”.<sup>32</sup>

É dessa forma que Saussure apresenta o estruturalismo, que se revela como um novo método de análise lingüística. Conforme destacou Mattoso Câmara, o estruturalismo “é uma nova forma de encarar os fenômenos linguísticos porque faz com que a significação dependa, completa e exclusivamente, das suas relações íntimas e liberta esta concepção de outros postulados, falsos ou unilaterais, que tinham sido explicitamente enunciados e através dos quais se devia deduzir a existência de relações vagas e indistintas.”<sup>33</sup>

### 3 O ESTRUTURALISMO DE LACAN

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 247.

<sup>33</sup> Cf. CÂMARA, JR. Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. Trad. M<sup>a</sup> do Amparo B. de Azevedo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 110

Conforme declarou Anika Lemaire, “Jacques Lacan é estruturalista. Ele o frisou nas suas entrevistas. Ele assinou com seu próprio nome a entrada da psicanálise nesta corrente de pensamento, nesse método de pesquisa aplicável a diferentes disciplinas do saber, mas, precisamente, às ciências do homem”.<sup>34</sup>

Para Lacan, o pensamento estruturalista havia lançado as bases a partir das quais seria possível recuperar a racionalidade científica freudiana da psicanálise. Assim, foi à luz do estruturalismo que Lacan propõe uma releitura da psicanálise freudiana, de modo a extirpar as correntes de pensamento da época que deturpavam a clínica psicanalítica freudiana.<sup>35</sup>

Ao lançar mão do pensamento estruturalista para resgatar a teoria freudiana da psicanálise, Lacan demonstra Freud foi na verdade um precursor do estruturalismo psicanalítico, isso em função da coincidência entre o inconsciente estruturalista e o inconsciente freudiano. Vale dizer, o inconsciente freudiano já era concebido como uma linguagem.

Para Lacan, o discurso do paciente constitui a ferramenta essencial do analista. Nas palavras de Lacan: “a experiência analítica tem como meios os da fala, à medida que ela confere um sentido às funções do indivíduo; seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade real”.<sup>36</sup> A palavra do paciente seria, portanto, o canal por meio do qual o analista poderia decifrar os conteúdos do inconsciente.

O psicanalista francês chega mesmo a definir o inconsciente como “tropeço, desfalecimento, rachadura”:

“Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos e é neles que vai procurar o inconsciente. Ali alguma outra coisa quer se realizar – algo que aparece como intencional, certamente, mas de uma estranha temporalidade. O que se produz nessa hiância, no sentido pleno do termo produzir-se, se apresenta como um achado. É assim que a exploração freudiana encontra o que se passa no inconsciente”.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> Cf. LEMAIRE, Anita. Jacques Lacan – **Uma Introdução**. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1979, p. 40.

<sup>35</sup> É preciso registrar que Lacan explicita os pontos em que sua concepção de linguagem encontrou inspiração na linguística saussuriana na obra: Lacan, Jacques. **O Seminário livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Original publicado em 1957-1958)

<sup>36</sup> Cf. LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise** - in Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 259.

<sup>37</sup> Cf. LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p.30.

O inconsciente não é simplesmente aquilo que está fora da consciência (não-consciente). Na década de 1960, no texto *Posição do inconsciente em "Escritos"*, Lacan afirma: "É preciso, sobre o inconsciente, entrar no essencial da experiência freudiana. O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito. O inconsciente não é uma espécie que defina na realidade psíquica o círculo daquilo que não tem o atributo ou a virtude da consciência".<sup>38</sup>

Conforme afirma Lacan: "o inconsciente não é perder a memória; é não se lembrar do que se sabe."<sup>39</sup> Lacan entende que o psicanalista deve examinar a fala do paciente, pois é por meio dela que a verdade presente do inconsciente emergirá; seja pela via dos sonhos ou através dos chistes, dos atos falhos, dos esquecimentos e dos sintomas.

Conforme destacou o mestre genebriano:

"O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja:

- nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave;
- nos documentos de arquivo: e esses são as lembranças de minha infância, tão impenetráveis quanto eles, quando não lhes conheço a procedência;
- na evolução semântica: e isso corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular, bem como ao estilo de minha vida e a meu caráter;
- nas tradições também: nas lendas, que sob forma heroicizada veiculam minha história;
- nos vestígios, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções exigidas pela reinserção do capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e cujo sentido minha exegese restabelecerá".<sup>40</sup>

Foi por aplicar o pensamento estruturalista à psicanálise que Lacan formulou a tese de que "o inconsciente é, em seu fundo, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem".<sup>41</sup> Este entendimento conduziu à formulação de seu aforismo clássico: "o inconsciente é estruturado como uma linguagem"<sup>42</sup>. Ou seja, o inconsciente é estruturado de forma análoga à estrutura da linguagem. Dito de outro modo: "é toda estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente".<sup>43</sup> Ora, isto é assim porque inconsciente somente pode se

---

<sup>38</sup> Cf. LACAN, Jacques. *Posição do inconsciente*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 844

<sup>39</sup> Cf. LACAN, Jacques. *A instância da letra no inconsciente*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 334.

<sup>40</sup> Cf. LACAN, Jacques. *A carta roubada*. In: LACAN, J -in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 260-261.

<sup>41</sup> Cf. LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p. 139.

<sup>42</sup> Cf. LACAN, Jacques. *Op. cit.*, loc cit.

revelar através dos sintomas e na fala. Até mesmo no que diz respeito aos sonhos, estes dependem da fala para que sejam exteriorizados e compreendidos.

Lacan estava empenhado em “alcançar o mais alto grau de cientificidade a fim de defender a prática analítica”.<sup>44</sup> Ao conceber o inconsciente como uma estrutura, Lacan torna o inconsciente verdadeiro objeto científico (não místico), resgatando o caráter científico da psicanálise. Ora, o modelo que permeia qualquer estrutura é justamente a linguagem e, portanto, para que seja considerado como científico, o objecto de estudo precisa ser estruturado como uma linguagem.

Em 1977, Lacan declarou:

“Uma chance, contudo, que se oferece para nós no que diz respeito ao inconsciente, é que a ciência do qual ele depende é certamente a linguística, primeiro fato de estrutura. Digamos de preferência que ele é estruturado porque é feito como uma linguagem, que ele se desdobra nos efeitos da linguagem.”<sup>45</sup>

Com propriedade, Miller destacou que a psicanálise “só é possível se, e somente se, o inconsciente for estruturado como linguagem. O que se chamou o ensino de Lacan é o desenvolvimento desta hipótese até suas últimas consequências”.<sup>46</sup>

#### 4 A TEORIA LACANIANA DA SIGNIFICAÇÃO

Como vimos na Parte II do presente artigo, na linguística de Saussure, o signo linguístico é formado pelo *conceito* (significado) e a *imagem acústica* (significante). De acordo com Saussure, tais elementos do signo sofreriam uma conexão arbitrária, em função do acaso.

Por outro Lacan entende que, por ser inconsciente estruturado como uma linguagem, então seu modo de funcionamento não pode ser arbitrário. O inconsciente, portanto, se articula a partir de regularidades.

---

<sup>43</sup> Cf. LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 498.

<sup>44</sup> Cf. DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo**, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora UNICAMP, 199, p. 117.

<sup>45</sup> Cf. LACAN *apud* COUTINHO, Jorge Antonio. Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan. Vol. I. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 112.

<sup>46</sup> Cf. MILLER, J. A. Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 12.

Dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem implica em concluir que o inconsciente funciona como uma rede de significantes que se articulam entre si. Dito de outro modo: o inconsciente consiste numa articulação combinatória de significantes.

No pensamento de Freud, essa tese se revela pelos mecanismos de condensação e o deslocamento. Vejamos: "Pelo processo de *deslocamento* uma ideia pode ceder à outra toda a sua cota de catexia; pelo processo de *condensação* pode apropriar-se de toda catexia de várias outras ideias".<sup>47</sup>

Lacan introduziu o raciocínio de que "é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação".<sup>48</sup> Portanto, a significação somente será possível depois de se terem revelado todos os significantes, numa espécie de deslizamento do sentido que só pode ocorrer ao longo da cadeia. O que irá delimitar os possíveis sentidos do significante é a sua relação – opositiva, diferencial, negativa – com signos linguísticos circunscritos na cadeia da falada.<sup>49</sup> Vale dizer, somente depois que todos os significantes de uma frase forem apresentados é que o significado poderá ser fixado.

Ao aplicar a linguística estrutural à psicanálise, Lacan formula uma Teoria da Significação a partir do algoritmo S/s (significante sobre significado). Note que o significante figura com letra maiúscula e acima do significado, o que demonstra uma clara primazia do significante sobre o significado. Portanto, podemos concluir que, enquanto Saussure entende que tais cadeias sofrem conexão arbitrária, Lacan afirma a função primordial do significante no processo de significação, ou seja, o significante precede o significado.

Em Lacan, o significado é apenas o produto do processo de deslizamento dos significantes. Em outras palavras, a significação (sentido) é apenas o efeito dos significantes. Um discurso, por exemplo, contém um série de significantes, sendo que a significação somente poderá ser obtida após terem sido enunciados todos os elementos da cadeia de significantes.

Essa mesma lógica é aplicada ao sintoma, que, portanto, deve ser interpretado como linguagem. Conforme afirmou Lacan, "todo fenômeno analítico,

---

<sup>47</sup> Cf. FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB). Rio de Janeiro: Imago. A interpretação dos sonhos. v.IV, O inconsciente. v.XIV, 1996, p.191.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 506

<sup>49</sup> Cf., nessa mesma linha, RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Orgs). Mídia e memória: A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad. 2007, p. 210.

todo fenômeno que participa do campo analítico, da descoberta analítica, daquilo com que lidamos no sintoma e na neurose, é estruturado como linguagem".<sup>50</sup>

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo do presente artigo foi explicar o inconsciente humano segundo Jacques Lacan. Para tanto, foi necessário inicialmente apresentarmos um breve panorama a respeito do Estruturalismo, movimento intelectual que teve início no século XX e que serviu de base científica para que Lacan pudesse levar a diante sua proposta de “retorno a Freud”, a fim de resgatar o fundamento original da psicanálise - a cura através da fala -, que havia sido desvirtuado pelos psicoterapeutas pós freudianos, em especial a chamada “Ego Psychology” (Psicologia do Ego).

Dentre os teóricos do Estruturalismo, focamos nossa atenção na Linguística Estrutural de Saussure, que foi o autor que maior influência teve no pensamento de Lacan a respeito do inconsciente humano como linguagem. Discorreremos sobre o signo linguístico de Saussure, bem como sobre sua visão dicotômica da linguagem, apresentando seus mais importantes conceitos: língua e fala; significado e significante; relações sintagmáticas e relações paradigmáticas; e, por fim, sincronia e diacronia.

Analisamos a Teoria da Significação de Lacan e o conteúdo do seu aforismo clássico a respeito do inconsciente, qual seja: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Esta concepção de inconsciente como uma estrutura de linguagem permitiu a Lacan o resgate do caráter científico da psicanálise. De fato, o inconsciente freudiano já era concebido como uma linguagem. Esta a razão pela qual, na visão de Lacan, Freud foi um precursor do estruturalismo psicanalítico. Prova disso está na coincidência entre o “inconsciente estruturalista” e o “inconsciente freudiano”.

Por último, nos empenhamos em analisar a Teoria da Significação de Saussure, marcada pelo algoritmo S/s (significante sobre significado). Pudemos verificar que o significante é gravado com letra maiúscula e acima do significado, o demonstra que, para Lacan, o significante precede o significado – e este é um dos

---

<sup>50</sup> Cf. Lacan, Jacques. O Seminário - Livro 3: As Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 192.

pontos de ruptura com Saussure, que entende que tais cadeias (significante e significado) sofreriam conexão arbitrária.

Nesse momento do trabalho pudemos entender que a concepção lacaniana do inconsciente - ou seja, o inconsciente estruturado como linguagem - induz à conclusão de que o inconsciente funciona como uma rede de significantes que se articulam entre si, ou seja, o inconsciente consiste numa articulação combinatória de significantes, numa espécie de deslizamento do sentido que só pode ocorrer ao longo da cadeia.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Winnicott, D. W. (1978). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do *setting* psicanalítico. Em D. W. Winnicott (Org.), *Textos selecionados: Da pediatria à*

*psicanálise* (pp. 459-481). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Original publicado em 1955)

BARATTO, Geselda; AGUIAR, Fernando. A “Psicologia do Ego” e a Psicanálise Freudiana: das diferenças teóricas fundamentais. *Rev. Filos.*, v. 19, n. 25, jul./dez. 2007, p.307-331. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/rf?dd1=1792&dd99=view> Acesso em 14/09/2014, 17:30.

COUTINHO, Jorge Antonio. Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan. Vol. I. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

CÂMARA, JR. Joaquim Mattoso. História da Linguística. Trad. M<sup>a</sup> do Amparo B. de Azevedo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

DOSSE, François. História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora UNICAMP, 199.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB). Rio de Janeiro: Imago. A interpretação dos sonhos. v.IV, O inconsciente. v.XIV, 1996.

LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Original publicado em 1953)

\_\_\_\_\_. Posição do inconsciente. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. Do sujeito enfim em questão. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Conclusões: Congresso sobre a transmissão. Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão, Rio de Janeiro, v. 14, 1995.

\_\_\_\_\_. Função e campo da palavra e da linguagem. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. A carta roubada. *In* Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O Seminário - Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. O Seminário - Livro 3: As Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. O Seminário - Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Original publicado em 1957-1958)

\_\_\_\_\_. O Seminário - Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. O Seminário – Livro 23. El sinthoma. Ediciones Eletrónicas. PSI/INFOBASE, 1976.

LEPARGNEUS, Hubert. Introdução ao Estruturalismo. São Paulo: Editora Cultural, 1970,



p. 5.

LEMAIRE, Anita. Jacques Lacan – Uma Introdução. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1979, p. 40.

LEROY, Maurice. As grandes correntes da linguística moderna. Rio de Janeiro, ao livro técnico, 1971.

MILLER, J. A. Percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

RAMAZINI, Haroldo. Introdução à Lingüística Moderna. São Paulo ícone, 1990.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lúcia Maria Alves (Orgs). Mídia e memória: A produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad. 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Prefácio de Isaac Nicolau Salum. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.